



*they said never
fall
for
the
bad boy*

wherever
YOU ARE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHORS

**KRISTA & BECCA
RITCHIE**

ÍNDICE

1. [PRESENTE - Janeiro](#)
2. [PRESENTE - Janeiro](#)
- [AS IRMÃS CALLOWAY & SEUS HOMENS - Página de Fãs](#)
3. [PRESENTE - Janeiro](#)
4. [PRESENTE – Janeiro](#)
5. [ANTES – Outubro](#)
6. [ANTES – Outubro](#)
7. [ANTES – Novembro](#)
8. [ANTES – Novembro](#)
9. [PRESENTE – Agosto](#)
10. [PRESENTE – Agosto](#)
11. [PRESENTE – Agosto](#)
12. [ANTES – Novembro](#)
13. [ANTES – Outubro](#)
14. [PRESENTE – Dezembro](#)
15. [PRESENTE – Dezembro](#)
16. [PRESENTE – Fevereiro](#)
17. [ANTES – Dezembro](#)
18. [ANTES – Dezembro](#)
19. [ANTES – Dezembro](#)
- [AS IRMÃS CALLOWAY & SEUS HOMENS - Página de Fãs](#)
20. [PRESENTE – Fevereiro](#)
21. [PRESENTE – Março](#)
22. [ANTES – Janeiro](#)
23. [ANTES – Abril](#)
24. [ANTES – Abril](#)
25. [ANTES – Maio](#)
26. [ANTES – Maio](#)

27. [ANTES – Maio](#)

28. [ANTES – Maio](#)

29. [PRESENTE – Março](#)

30. [PRESENTE – Março](#)

[AS IRMÃS CALLOWAY & SEUS HOMENS - Página de Fãs](#)

31. [PRESENTE – Março](#)

32. [ANTES – Agosto](#)

33. [ANTES – Agosto](#)

34. [ANTES – Setembro](#)

35. [ANTES – Setembro](#)

36. [ANTES – Fevereiro](#)

37. [ANTES – Outubro](#)

38. [ANTES – Outubro](#)

39. [ANTES – Fevereiro](#)

40. [PRESENTE – Junho](#)

41. [PRESENTE – Junho](#)

42. [ANTES – Agosto](#)

[Epilogo](#)

[Resenhas de Video Game](#)

wherever
YOU ARE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHORS

**KRISTA & BECCA
RITCHIE**



BOOKSUNFLOWERS

UMA NOTA DAS AUTORAS

Wherever You Are é o livro 2 do Bad Reputation e deve ser lido após o livro 1, [*Whatever It Takes*](#).

Wherever You Are contém conteúdo adulto e sexual e é recomendado para maiores de 18 anos



AVISO DE CONTEÚDO

Esse livro contém cenas gráficas de abuso físico de irmãos mais velhos a um irmão mais novo e abuso verbal que pode ser perturbador para alguns leitores.

*"Almas quebradas são reparadas todos os dias
por almas reparadas que já estiveram quebradas."*

CONNOR COBALT

1 PRESENTE - JANEIRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA

GARRISON ABBEY

21 Anos

Começando o primeiro dia do ano novo, tento ser positivo. *Não estrague tudo, Abbey.*

Faz apenas 48 horas desde que tudo aconteceu em Londres. Mas honestamente, parece um milênio. Oficialmente, acho que passei menos de duas horas no país antes de voltar para Philly. É patético em vários níveis, e uma vergonha para ser sincero.

A única vantagem: não foi parar na internet. Os alunos de Wakefield realmente não reconheceram Willow ou simplesmente não se importam. É outra grande razão pela qual ela precisa ficar lá para a faculdade.

— Eu posso ir visitar na próxima semana — diz Willow, sua voz suave ecoando nos alto-falantes do meu carro. Giro o volante e viro em uma rua movimentada, com o trânsito até dizer chega.

Willow nunca ficou brava comigo por dar um soco em Salvatore. Ela não estava nem decepcionada, nem triste. Isso me faz sentir pior, porque ela tem todo o direito de me odiar.

Ela disse que entendeu que eu estou passando por algo. Seu entendimento é como o ar, me ajudando a respirar. Mas não tenho certeza se mereço o coração e a empatia da minha namorada. Eu

sou o namorado ruim fodendo com seus amigos perfeitos e sua vida perfeita em Londres.

Eu não posso deixá-la ir.

Não posso perder Willow, mesmo que eu seja o único que manchará o mundo perfeito que ela está construindo.

Ela nunca me pressionou a revelar mais do que aconteceu em Philly. Eu nunca a pressionei além de seus limites também.

Sempre fomos cuidadosos um com o outro, e isso é algo que eu aprecio. Porque eu não quero mentir, e acho que se ela perguntasse à queima-roupa “*you viu seus irmãos?*” Eu teria inventado alguma desculpa de merda. Tudo menos admitir que eu fui estúpido o suficiente para ir para casa durante as férias, sabendo que eles estavam lá.

O que ela perguntou: *Você está pronto para conversar sobre isso?*

O que eu disse: *Ainda não.*

No momento em que ela descobrir que eu vi meus irmãos novamente, ela enviará a cavalaria para me checar. Daisy. Ryke. Talvez até Lo. Não preciso que eles me bombardeiem, principalmente quando ninguém além de Willow sabe que meus irmãos já haviam me batido antes.

Eu quero manter isso dessa forma.

— Garrison, você me ouviu? — Willow pergunta pelo celular.

Paro no sinal vermelho, as mãos apertadas no volante. — Você não precisa visitar. Estou bem, *Willow*. — Respiro fundo, prestes a dizer algo que pode deixá-la tensa. Mas sobre isso eu quero ser sincero. — Na verdade, estou indo para minha casa. Tenho que me desculpar com minha mãe por fugir e pegar um disco rígido no meu computador antigo. Tem algumas coisas que eu fiz na escola preparatória. Pode ser útil para o videogame que estou criando.

— Espera, você está indo para casa? — A voz de Willow dispara com alarme.

— Sim, mas apenas por um segundo — eu digo rapidamente. — Davis, Hunter e Mitchell já foram embora ontem. Eles não queriam passar a véspera de Ano Novo com meus pais. — Eu paro no portão na entrada do condomínio. — Então eu não vou encontrá-los. Está tudo bem.

Um segurança me reconhece e imediatamente pressiona um botão para me deixar entrar. Espero enquanto os portões se abrem.

— Por que você não deixa Daisy pegar para você? — Willow sugere.

O suor acumula, abaixo o ar quente do carro e abro o zíper do meu moletom com capuz. — Porque Daisy fará perguntas. E como eu disse, meus irmãos não estão em casa. — *É seguro.*

A linha fica muda.

Um nó se forma na minha garganta, mas quero dizer mais... *sinto sua falta.*

Me desculpa, eu estraguei tudo.

Eu te amo.

Dirigindo para frente, tudo o que digo é: — Você ainda está aí?

— Sim. — Ela soa preocupada, mas com uma grande respiração, ela mergulha com determinação. — Você pode me ligar quando sair?

Sinto como se já estivesse ligando demais para Willow. Conversamos a noite toda. Que é a manhã para ela.

Agora são 9 da manhã para mim, e sei que ela não está na aula agora. Mas as férias de inverno estão quase no fim e suas aulas de negócios começarão em breve. Essa pausa é quando ela deveria estar com seus amigos da faculdade.

— Eu vou mandar uma mensagem para você — eu digo.

— Assim que você sair.

— Assim que eu sair — concordo.

Dizemos *eu te amo* e *adeus* enquanto estaciono na entrada vazia, mas arada da mansão dos meus pais. Nenhum outro carro. Isso confirma o que eu já sei: meus irmãos se foram.

Eu serei rápido.

Deixando meu Mustang ligado, o escapamento borbulhando e visível na manhã fria, dou longos e rápidos passos pela varanda da frente. O frio de janeiro mal me toca quando eu procuro pela chave da casa. Como meus pais me deixaram ficar com uma - eu não sei. Eles me amam, eu acho. Ainda depois de tudo que eu os fiz passar.

Eu destranco a porta e entro. — Mãe! — Eu chamo no saguão elegante.

Ninguém responde. Entrando na cozinha, paro e vejo minha mãe pela janela. No lado leste da piscina, ela usa um casaco rosa e um cachecol Burberry e, enquanto está curvada, corta espinhos de roseiras que cercam uma estufa trancada.

Eu a vejo tirar neve das pétalas vermelhas. Ela é muito meticulosa com jardinagem. Não me interpretem mal, temos jardineiros, mas ninguém, exceto minha mãe, pode tocar nas flores ao redor da estufa e nas plantas dentro.

É a coisa dela. Um “calmante”, ou sei lá o quê.

Talvez ela precise se acalmar depois de me ver.

Ótimo.

E essa conversa vai acontecer *lá fora*. Na friaca de congelar a bunda. Não estou mais fervendo, e por isso levanto o capuz enquanto saio pela porta dos fundos. Meus sapatos deslizam no pátio gelado e estendo os braços para me equilibrar.

— Mãe! — Eu chamo de novo e me seguro para não cair de cara no chão.

Porra, eu odeio o ar livre.

Ela levanta a cabeça, o cabelo castanho brilhante e retorcido em um penteado complexo com alfinetes de diamante, e mesmo que pareça uma dona de casa rica que tomaria seu quarto copo de *pinot grigio* ao meio-dia, nunca a vi beber mais do que um alguns *Seltzers*, e ela não é muito gananciosa ou muito arrogante. Quando meus irmãos e eu jogamos lacrosse no ensino médio, ela realmente nos assistiu e não apenas socializou com suas amigas da associação de pais e mestres. Ela filmava o fim para o nosso pai, que perderia a ação por causa do trabalho.

Portanto, não me surpreende que, quando ela me veja agora, um sorriso genuíno domine seu rosto. — Garrison. — Ela se levanta, passando as mãos enluvadas nas calças de lã. — Que surpresa. Venha aqui, querido.

Eu me aproximo do jardim. — Eu só queria ... — Palavras morrem na minha garganta quando vejo sombras através das janelas foscas da estufa. *Tem pessoas lá.*

E se meus irmãos estiverem em casa?

Não.

Não.

Porra, não...

— Garrison, qual é o problema? — Ela toca meu ombro, mas eu sou como o gelo no chão. Congelado. A única diferença é que eu quebro com mais facilidade.

Eu preciso sair.

Eu preciso *sair*.

Mas eu não consigo me mexer.

A porta da estufa se abre e meu pulso para quando Davis, Hunter e Mitchell saem.

Meu irmão mais velho lança um olhar para mim. — É muito gentil da sua parte aparecer quando todo o trabalho está concluído — diz Davis.

Sinto meu rosto franzir em confusão. — Do que você está falando?

— A estufa — explica Mitchell. — Você não ouviu a mamãe falar sobre como ela precisava de ajuda para reorganizar as plantas e as luzes? Você estava no jantar na outra noite.

Não me lembro. O calor se reúne novamente. Suor cobrindo meu corpo e me sufocando, mas não consigo descongelar o suficiente para abrir o zíper do meu moleotm.

Nossa mãe olha entre eles. — Meninos, essa conversa aconteceu depois que seu irmão foi embora.

— Como sempre — acrescenta Hunter, cavando a faca nas minhas costas.

Eu arrasto meu olhar pela neve.

Nossa mãe solta um suspiro e diz: — Seja gentil.

— Ele não facilita as coisas — Hunter responde com raiva.

Digo o mesmo.

Engulo a resposta e limpo a garganta para perguntar: — Como vocês chegaram aqui? Não vi seus carros.

— Uber — diz Davis. — Ainda estávamos de ressaca na noite passada.

Certo.

— Na verdade, ainda precisamos de ajuda com os aquecedores e as luzes — diz Mitchell para mim. — Você quer participar? — Ele acena em direção à estufa e seus olhos se suavizam em mim.

Eu acho que Mitchell realmente acredita que ele está me dando uma tábua de salvação para estar em boas graças com nossos pais e nossos irmãos.

É triste.

Porque o que eu realmente preciso é que ele me defenda. Preciso que impeça que dois irmãos mais velhos de batam em mim. Mas mesmo que Mitchell tentasse agora, ele estaria vinte e um anos atrasado.

— Deixei meu carro ligado — eu digo. — Eu não ia ficar por muito tempo.

Minha mãe aperta meu ombro. — Eu vou desligar para você. — Ela estende a palma da mão para que eu possa passar as chaves para ela. — Vá passar algum tempo com seus irmãos.

Eu quero dizer *não*.

Lá no fundo, eu não quero estar aqui, mas parece impossível sair neste momento.

Eu aceno com a cabeça tensa, e meus irmãos desaparecem de volta na estufa enquanto eu procuro minhas chaves do carro. Minha mãe espera por mim, paciente.

Estou com calor e acabo tirando minha blusa. Fazendo um trabalho péssimo, metade da minha camiseta subindo pela minha cintura no processo. Enquanto aperto as chaves e faço uma bola com minha blusa, olho para minha mãe.

Seus olhos estão sem piscar e focados no meu abdômen nu. Nos roxos frescos que marcam minha pele fria. Os que Hunter causou depois que ele me abordou do lado de fora, o jantar de férias do inferno. Não foi nem o primeiro hematoma ruim que tive.

Nós dois estamos imóveis, exceto pelos nossos olhares que se encontram. Verdades expostas e cruas, e não é como se ela não soubesse ou tivesse visto antes.

Isso só parece diferente. Talvez porque eu sou mais velho. Talvez porque ela tenha a capacidade de me proteger aqui e agora, e eu tenho 21 anos e sofro com a crença de que ela não me protegerá.

Ela nunca me protegeu antes.

Minhas chaves estão frias na minha mão.

Ela estende a mão para acariciar minha bochecha, e eu encaro a neve. Seu toque suave é tão doloroso quanto os espinhos que ela cortou.

Olho para a estufa e depois para minha mãe.

— Apenas dê uma chance a eles — diz ela em um sussurro suplicante.

Eu quero balançar a cabeça, mas não consigo. — Eles não vão mudar.

Ela solta essa respiração minúscula e esfrega meu braço, e em seu olhar de pena, eu sei que ela não está esperando que eles mudem. Ela sempre estava esperando que *eu* mudasse - para ser mais resistente. Ser menos sensível.

Ser mais homem, certo?

Eu poderia fazer um PowerPoint para ela com todas as evidências dos atos fodidos deles e ela ainda alegará que deixei a maioria do amor fraterno fora dos slides.

Enfio meus braços de volta nas mangas da blusa e, uma vez que tiro a neve do meu capuz, nossos olhos travam por outra batida. *Me proteja, mãe.*

Por favor.

Eu largo as chaves do carro na palma da sua mão. Dando a ela minha fuga.

Ela tem uma escolha a fazer e nem sequer hesita. Eu a vejo sair para a garagem. Para desligar o meu Mustang.

Assim que entro na estufa, tenho certeza de que estou condenado.



Dói respirar. Dor atinge meu lado com cada inspiração.

Como chego ao meu apartamento? Não tenho idéia - todo o percurso é um borrão. Como um jogo empoeirado da Sega, a tela da TV estalando com estática. Mas eu lembro da estufa.

Lembro-me de empurrar Davis com tanta força que ele caiu em uma pilha de vasos de cerâmica. Eles quebraram. Terra foi derramada. A porta estava finalmente limpa.

E eu sai ao som do meu pai gritando comigo. Por destruir as preciosas plantas de manjeriço da minha mãe. Elas poderiam ter sido salsa ou espinafre, pelo que sei.

Não dei uma boa olhada.

Eu não me importei, e acho que é minha culpa, certo?

Estupidez minha. Fui desajeitado.

Quando estou dentro do meu apartamento em Philly, pressiono minhas costelas e vasculho os armários da cozinha. Abrindo cada um. Tentando encontrar alguns analgésicos. Quando eu era adolescente, um dos meus amigos do bairro traficava pílulas e me dava oxicodona. A terapeuta dela dava todos os tipos de prescrições.

Tudo o que tenho agora é ibuprofeno.

Com uma mão, coloco o frasco no balcão e torço a tampa, tendo aperfeiçoado a torção com uma mão nas tampas à prova de crianças anos atrás. Consigo abrir. Eu propositadamente derrubo o frasco e os comprimidos derramam sobre a bancada de granito. Pego um punhado, sem contar e jogo na minha boca.

Assim que engulo, eu tusso.

Uma dor aguda irrompe em minhas costelas. Elas estão quebradas.

Eu sei que elas estão quebradas.

Afundando na minha cadeira, tento esquecer o que aconteceu. Talvez eu consiga ver os eventos do ponto de vista fodido de Hunter. Ele só... ele jogou um saco de terra em mim. Era pesado. Eu não esperava por isso. O saco bateu no meu estômago e arrancou o vento dos meus pulmões.

Eu me curvei. Tossindo. E o saco - caiu em uma enxada de jardinagem e rasgou. A terra se espalhou pelo chão.

Davis me deu um tapa na parte de trás da cabeça.

Eu tentei colocar distância entre nós, mas cheguei mais perto de Hunter. Ele empurrou outro saco nas minhas costas. Como se eu tivesse as mãos conectadas à minha coluna para agarrar a maldita coisa.

Ele sabia o que estava fazendo.

A força brutal me jogou em uma prateleira de madeira, e o canto encravou na minha caixa torácica. Ainda consigo ouvir o *crack* nos

meus ouvidos. Ainda sinto meus pés deslizando embaixo de mim e minhas pernas dobrando antes de cair no chão.

— Vamos, levante-se, — disse Davis. — Não seja um viadinho.

Pisco de volta as imagens e meus dedos tremem enquanto digito no meu celular. Estou cumprindo minha promessa a Willow.

Eu escrevo: *Voltei para casa. Tudo certo.*

Eu sei - não estou dizendo a ela toda a verdade.

Mas ela não precisa se preocupar. Eu não preciso ser o tumor na vida dela. Especialmente porque essa foi a última vez que eu confrontei meus irmãos.

Antes de deixar a estufa, fiz algo que nunca faço.

Eu disse a eles: — Eu não vou ver vocês nunca mais. — Eu engasguei com as palavras ferventes, e Hunter e Davis riram. Como se fosse uma piada.

Mitchell ficou quieto. Ele olhou entre eles e eu, e seus olhos caíram no chão em transe.

Acho que nenhum deles realmente acreditam em mim.

Mas é a verdade. Eu nunca vou vê-los novamente. Nem mesmo quando eu estiver morto. Prefiro passar a eternidade no inferno do que voltar como um fantasma para assombrar suas bundas. Eu me recuso a deixar que eles tenham mais poder sobre mim. O único problema... eu esqueci de pegar meu disco rígido.

Meu estômago revira. É o meu disco rígido ou vê-los novamente. Foda-se o disco rígido, então.

Me inclino para trás, fecho os olhos e espero ficar dormente.

2 PRESENTE - JANEIRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA

GARRISON ABBEY

21 anos

Os próximos dois dias são um borrão maior. Eu me enterro no trabalho e mal deixo minha mesa na Cobalt Inc. Latas de *Lightning Bolt!* estão empilhadas em uma pequena lata de lixo e, apesar de minha bunda não ter deixado essa cadeira por oito horas, meu espaço está bem organizado.

Não consigo me concentrar se há lixo por toda parte.

De repente, um recipiente de isopor aparece ao lado do meu teclado. Paro de digitar para tirar duas notas de vinte do bolso e entrego o dinheiro ao homem branco que está ao lado da minha mesa. Com cabelos ruivos penteados para trás e um terno caro, Keith parece que está fazendo um teste para o papel de Babaca #3.

Ele é um pouco mais velho que eu e estagiário na divisão de ímãs do Cobalt. Temos um acordo. Ele pega comida da lanchonete três vezes por dia para mim, só para eu não ter que sair da minha mesa, e ele me cobra a mais por sushi de dez dólares.

Vale a pena.

E ele deveria estar indo embora agora.

Mas ele ainda está aqui.

Aponto para meus fones de ouvido. Eles têm cancelamento de ruído, então não consigo ouvi-lo além da batida suave da minha música. Não consigo nem ler seus lábios tão bem, mas vejo suas sobrancelhas franzidas de frustração. Ok, não quero perder meu Uber Eats pessoal porque o ignorei em uma quinta-feira aleatória. Abaixo meus fones de ouvido até o pescoço.

— Abbey, — diz ele. — É a última vez que faço isso. — Ele aponta para o isopor. Pego e abro a tampa, certificando-me de que ele não cuspiu nos rolos de atum. Tanto quanto eu posso dizer, o sushi parece perfeito.

Coloco o recipiente no meu frigobar debaixo da mesa. — Por que é a última vez? Você quer mais dinheiro? Eu poderia subir até cinquenta, eu acho.

— Não, — Keith diz com raiva. — Os caras do meu escritório estão me enchendo o saco. Eles estão me chamando de pau mandado. — Isso não é uma surpresa. Eu não sou muito amado aqui.

Primeiro, tenho vínculos com Connor e me recuso a dar a esses idiotas um “momento” com o chefe. Nenhum segredo sobre Connor está saindo da minha boca, apesar de vários pedidos de coisas estranhas. Como qual é o licor favorito dele e a que hora do dia que ele é “menos” propenso a rejeitar uma proposta. Pareço ser uma *Wikipédia de Connor Cobalt* ambulante?

Em segundo lugar, sou uma das únicas pessoas que dirige sua própria divisão sozinho na Cobalt Inc.

Connor disse que oficialmente nomearia minha divisão quando eu apresentasse meu protótipo. No momento, estou mantendo tudo em segredo - até o conceito. Menos pressão dessa maneira, e Connor não parece se importar com isso.

Os caras da empresa - eles se importam.

É favoritismo. Nepotismo. Tudo embrulhado em um pacote fugaz.

Para Keith, eu dou de ombros. — Quero dizer, eles te chamando pau mandado não é bem um insulto idiota, cara. Não somos todos pau mandados de Connor Cobalt a essa altura?

Keith balança a cabeça e depois para lentamente, repensando. — Sim, mas você não é Connor Cobalt. Você tem o que... vinte e

três anos?

— Vinte e um, — eu corrijo, provavelmente não ajudando meu caso. — E apenas diga a esses caras para se foderem. Você está ganhando quase cem dólares por dia comigo só porque tenho preguiça de me mexer.

Connor só tem estágios remunerados, mas Keith não pode estar ganhando o que seus colegas de trabalho mais velhos levam para casa.

— Exatamente, — diz Keith. — Você é preguiçoso. Você é jovem. Você é *you*. Não posso ser visto com você, Abbey. — Ele faz um movimento entre nós. — Essa parceria acabou.

Reviro os olhos enquanto ele se afasta. Lá se vai mais um.

Voltando ao meu computador, coloco meus fones de ouvido e tento corrigir um erro no código. Estou construindo a base do jogo antes mesmo de trabalhar na mecânica do design e na jogabilidade mais complexa. É mais difícil não ter uma equipe de programadores, mas prefiro fazer isso sozinho. Pelo menos, nesse momento, não preciso de muitas pessoas no meu espaço.

Outro corpo chega perto do meu cubículo e, mesmo sem virar a cabeça, reconheço a postura de *sou dono desse mundo* e o caro relógio de pulso Cartier da minha visão periférica.

Connor Cobalt está me agradando com a presença dele, o que não acontece todos os dias. Ele me dá espaço para respirar e trabalhar e até agora eu apreciei isso.

Eu mantenho meus olhos no computador, alguns fios de cabelo caindo no meu rosto, mas eu continuo digitando. Talvez se eu o ignorar, ele simplesmente desapareça.

— Garrison, — diz Connor. Eu posso ouvir seu tom calmo e assertivo, mesmo nos meus fones de ouvido com cancelamento de ruído.

Eu não pisco, meu foco está no computador.

Ele acena com a mão na frente da tela. Finalmente, olho para ele, ainda digitando como se estivesse *extremamente* ocupado. Então eu espio ao seu lado.

Lily Calloway está aqui. E ela parece tão deslocada na Cobalt Inc. quanto eu. Uma camisa preta casual de manga comprida e um

casaco estão largos em seu corpo desgrenhado. Eu nem acho que ela está vestindo calças de verdade - só leggings.

Há apenas algumas poucas razões pelas quais ela poderia estar aqui, e eu vou seguir com a mais óbvia. É dia 03 de janeiro, e *todo mundo* nesse edifício sabe o que isso significa. É o aniversário de trinta anos de Connor Cobalt, e se você quer ficar do lado bom de Connor, você age como se hoje fosse, simplesmente, outro dia normal.

Sem alarde. Sem desejar feliz aniversário ao seu chefe. Definitivamente sem bolo ou presentes.

Aparentemente, Connor não está tão empolgado em celebrar sua idade, mas tenho certeza de que sua esposa e cunhadas estão planejando algo para ele.

E tudo isso não tem absolutamente *nada* a ver comigo.

Volto meu olhar para Connor e clico em um botão no teclado, desligando minha música. — O que você quer? — Não sei por que, mas essas palavras saem muito mais afiadas do que eu pretendia. Meus músculos se contraem.

— Você terminou por hoje, — diz Connor, ignorando o meu tom. — Eu preciso que você venha conosco.

O que?

Meus dedos ainda se movem sobre o teclado, terminando algumas últimas linhas de código que eu precisava conectar. Viro minha cabeça para Lily, confiando mais nela. — Isso é relacionado ao meu trabalho?

— Humm... — Ela murmura e depois dá de ombros.

Jesus. Ela não ajuda. E aposto que ela está nesse plano para me sequestrar do meu trabalho.

— Você vem conosco se não for? — Pergunta Connor.

— Não. — Eu nem hesito. É assim que as coisas são. Eles não são meus amigos, e eu posso fingir o dia inteiro que eles se importam comigo. Mas eles não se importam. Eles se preocupam com Willow, e eu sou uma extensão dela. Willow e eu não estamos em um ótimo lugar no momento, e a probabilidade de não darmos certo disparou.

Estou tentando evitar uma situação em que eu formo vínculos com as pessoas e depois todas elas são arrancadas de mim. Eu já

passsei pela perda de amigos antes - e é doloroso pra caralho. E eu nem gostava daqueles idiotas.

Seria infinitamente pior quando você realmente gosta de passar um tempo com seus amigos. E eu gosto da Lily. Eu gosto de Lo. Eu me diverti na Noite do Susto durante o Halloween. Me divertir com eles é algo que me assusta pra caramba. Porque é apenas outra coisa que eu poderia perder.

Então... não. O que quer que eles estejam planejando, a resposta é um grande *Porra, não* de mim.

Connor não precisa nem pensar. — Então é relacionado ao trabalho, — diz ele. — Pegue suas coisas.

Sério?

Coloco meus fones de ouvido no pescoço novamente com um suspiro mais profundo. Abandonando meu trabalho. Parece que Connor não vai deixar eu me safar dessa. Além do mais, eu preferiria manter meu emprego.

Para Lily, eu digo: — Apenas me diga para onde estamos indo e por quê.

— Para a casa do Ryke - ou chalé.

Não entendo por que eles chamam de chalé. Parece uma fodida mansão.

Ela acrescenta: — É uma festa surpresa para o Connor.

A palavra *surpresa* salta para mim. Eu estou vivendo em um universo paralelo onde palavras não significam a mesma coisa para todo mundo. Olho para o meu chefe. — Como é um aniversário surpresa se você sabe? E por que diabos você quer que eu vá?

— Me surpreender é tão raro que todo mundo usa o termo livremente. — Ele aponta para o meu computador. — Você está aqui às seis da manhã e sai à meia-noite. Sete dias por semana. Embora eu aprecie sua ética de trabalho, como seu amigo, acho desconcertante.

Eu respiro fundo. *Amigo*. Aí está essa palavra novamente. — Você é meu chefe, não meu amigo.

— Eu sou os dois, — diz Connor com facilidade, — e como recentemente você parece estar desprovido de amigos, eu não daria as costas a um, especialmente amizades tão valiosas quanto a minha.

Acredite, eu sei o quanto a amizade dele é valiosa. Os funcionários aqui não param de me lembrar.

Lily fala: — Não ter amigos não é uma coisa ruim.

Aperto meus olhos. — Vocês dois podem calar a boca um pouco? — É difícil pensar com eles no meu ouvido. Outro dia passado com os casais famosos: Lily e Lo, Connor e Rose, Ryke e Daisy. Eu deveria rejeitar esse convite forçado, mas pelo bem do meu trabalho e da minha sanidade atual, só há uma escolha real.

Rolo minha cadeira para trás e pego minha mochila debaixo da mesa. Lily olha para o meu jeans rasgado, mas ela não diz nada sobre isso.

Ficando de pé, ainda tenho que esticar o pescoço para olhar para o meu chefe. O cara tem um metro e noventa e quatro, e eu juro que o universo está girando ao redor dele. As pessoas se referem a Connor como um ser de outro mundo, como um deus imortal. Ele pode muito bem ser alto o suficiente para tocar o céu.

Jogo a mochila por cima do ombro. — Se eu for, — digo a Connor. — Você tem que parar de me chamar de seu amigo. Nós não somos, ok? — Eu preciso que ele entenda isso. Não o quero como amigo. Se não formos, não haverá mais danos colaterais quando eu perder Willow.

Antes que Connor possa responder, eu olho para Lily. — E eu tenho amigos... — Faço uma pausa. *Isso não é completamente verdade.* — Uma amiga. Ela só não está aqui.

Willow.

Minha única amiga.

Casualmente, como se eu não tivesse acabado de oferecer essa grande estipulação, Connor verifica o relógio. — A maioria das pessoas ficariam de joelhos para ter minha amizade. Isso só ilustra sua falta de bom senso.

Talvez.

Eu concordo com a cabeça. — Obrigado, chefe. — O sarcasmo sangra dos meus lábios.

— Me siga. — Connor faz um gesto para Lily e eu. Ele caminha à frente com autoridade calma e tranquilizadora. A maioria das pessoas amam isso. Para outras pessoas, a superioridade

arrogante as irrita. Depois de meses trabalhando para Connor, estou em algum lugar no meio.

Passamos por uma copiadora, Lily passo a passo ao meu lado. Eu sussurro para ela: — Só para você saber, você é minha chefe favorita. — Eu só tive dois. Connor e Lily.

Ela sorri largamente, e um bom sentimento inunda meu peito.

Sinto falta daqueles dias na Superheroes & Scones.

Mas não posso tê-los de volta.

AS IRMÃS CALLOWAY & SEUS HOMENS - PÁGINA DE FÃS

PRESENTE | SEGUIDORES: 75K

Chegou a hora! A cada ano ano, me dedico a atualizar vocês sobre o básico das Irmãs Calloway e seus homens. Interpretem isso como um post de "onde eles estão agora".

Os Stokes

Poppy Calloway (33) & Sam Stokes (33)

Filha: Maria (10)

Atualização: Não há muito a se notar sobre os Stokes. Como dissemos, essa irmã Calloway fica longe da mídia. Poppy e seu marido decidiram não participar do documentário *Nós Somos Calloway*.

Os Cobalts

Rose Calloway (29) & Connor Cobalt (30)

Filha: Jane (3)

Filhos: Charlie & Beckett (gêmeos de um ano)

Atualização: Calloway Couture e Cobalt Inc. estão prosperando, mas a verdadeira notícia vem com o boato de que Rose pode estar grávida de seu quarto filho! #JáPensandoNoNome

Os Hales

Lily Calloway (27) & Loren Hale (28)

Filho: Maximoff (3)

Atualização: Maximoff pode muito bem ser o bebê mais fofo do mundo. Não temos novas notícias sobre bebês, mas há rumores de que o filme de Sorin-X está chegando. Será a primeira grande franquia de filmes da Halway Comics.

Os Meadows

Daisy Calloway (22) & Ryke Meadows (29)

Filha: Sullivan (11-months-old)

Atualização: Não vemos muito de Daisy e Sulli por aí e, infelizmente, Sulli não esteve em *Nós Somos Calloway*. Que pena! Especialmente porque a bebê Meadows pode ser a mais procurada para fotos. Todo mundo quer ver momentos de pai de Ryke Meadows. Mas ele é o rosto de Ziff, a bebida esportiva, então somos abençoadas com aquele tanquinho.

A irmã Calloway não oficial

Willow Hale (20) & o Namorado Dela – Garrison Abbey (21)

Atualização: Eles ainda estão namorando, mesmo que ela esteja em Londres para a faculdade. Vimos um pouco de Garrison no fundo de *Nós Somos Calloway*. Mas, a menos que você esteja seguindo Willow no Instagram, ela está sumida online. É possível que eles nem estejam mais juntos, apesar de Lily sempre falar que estão. Vamos ficar de olho, se alguém tiver alguma conexão com pessoas da Universidade de Wakefield que desejam me enviar algo, só me chamar na DM.

Não se esqueçam que hoje é o aniversário de Connor Cobalt! Não deixem de mandar feliz aniversário para ele no Twitter. E confira esse gif abaixo dele e da Rose em Paris!!

Amo vocês como Loren ama Lily,
bjs Olive

3 PRESENTE - JANEIRO

FILADÉLFIA, PENSILVÂNIA

GARRISON ABBEY

21 anos

Jane Cobalt, de três anos, joga um punhado de confetes de um pequeno balde rosa. — Feliz aniversário Papai!

Todos os filhos estão na frente e no centro da pitoresca “cabana” de Ryke e Daisy - definitivamente não é uma mansão ou é tão real quanto a propriedade Cobalt. Mas tem quatro quartos. Também não é uma caixa de sapatos. O lado de fora é todo de pedra cinza, com uma chaminé de pedra empilhada, como se eles vivessem em um campo pastoral inglês e não no subúrbio de Philly.

A decoração é como se a Urban Outfitters tivesse vomitado aqui. Boho chique ou o que quer que seja. Eu não sou um designer de interiores.

Os gêmeos fraternos de um ano, Charlie e Beckett Cobalt têm seus próprios baldes de confete, e Maximoff Hale, de três anos, faz anjos de confete na madeira, pernas e braços se movendo. Daisy se ajoelha no chão ao lado de sua filha de quase um ano, ajudando Sulli a jogar as tiras de papel colorido.

Ryke, Loren e Rose ficam de lado, deixando seus filhos “surpreenderem” Connor.

Eu sinto que estou me intrometendo.

Mas eles me queriam por perto. Então eu estou aqui.

Ainda assim, preciso de ar por um segundo. Saio antes que alguém me note e vou para o banheiro do primeiro andar. Já estive aqui o suficiente com Willow para saber onde fica. Balões dourados cobrem o chão e eu empurro uma serpentina preta pendurada no teto. Eles se esforçaram bastante para uma festa não-é-bem-uma-surpresa “surpresa”.

Tranco a porta do banheiro e imediatamente jogo água no meu rosto. Pegando meu celular, verifico minhas mensagens.

Nenhuma.

Estou prestes a mandar uma mensagem para Willow, mas risadas altas ecoam na sala de estar. Eu quero estar perto deles. Eu não deveria querer isso.

Se recomponha. Você já está aqui.

Engulo em seco e enxugo a água do meu rosto antes de voltar para a sala de estar. A primeira coisa que noto é o recorte de papelão em tamanho real do Connor parado no meio do corredor.

Jesus...

Eles realmente se esforçaram.

Como se ele já não tivesse um ego do tamanho de uma galáxia? Inclino minha cabeça, examinando mais. Parece tanto com Connor. Um deles deve ter comprado o recorte em um site de celebridade. Eu já os vi antes. A única razão pela qual eu pesquisei esses sites foi para garantir que Willow e eu não tenhamos nossos rostos estampados em camisetas. Não somos tão famosos e, sinceramente, espero que isso nunca aconteça.

Prefiro viver na margem onde as pessoas não têm uma versão minha em tamanho real de papelão no quarto delas. Isso me assusta, mas vejo como Lily e todo mundo estão rindo disso. Como eles tentam transformar isso em algo divertido. Porque é melhor do que insistir nos aspectos de merda da fama. Nem tudo é ruim. E eu acho que isso é um bom presente.

O que me lembra: não comprei nada para o Connor. E eu estou na festa de aniversário dele.

Bem, tanto faz. Ele sabe que eu realmente não queria vir.

Vou para a cozinha, passando por uma faixa que está escrita *Feliz 30º Aniversário, Connor!* As únicas outras pessoas que estão

aqui além do “core six” são seus filhos. Eu sou literalmente o intruso. Ótimo.

Jane Cobalt ri no chão, coberta de confetes. Uma foto dessa criança apenas sorrindo em meio a serpentinas comemorativas valeria milhares de dólares, vendidas a qualquer revista em Nova York.

Ela é apenas um bebê. Eu me sinto mal por ela e Moffy. Que tipo de vida eles terão sob esse microscópio invasivo? Seus pais tiveram vinte e poucos anos de paz antes que os holofotes os atacassem.

Eles não vão ter *nada*.

É uma merda.

Afasto o pensamento e entro ainda mais na cozinha ensolarada, a luz do sol atravessando as janelas.

Loren coloca um salgadinho em sua boca, um pote de molho de salsa ao lado. Sua esposa está com as pernas em volta da cintura dele e os braços em volta do pescoço, nas costas. Lily é magra e ossuda e não pode pesar muito. Ele lhe entrega um salgadinho por cima do ombro e ele é realmente a única pessoa que eu me importo em cumprimentar agora.

— Ei, — eu aceno para ele e depois subo no balcão da cozinha. Eu avisto uma pequena planta de manjeriço ao lado da pia e meu peito contrai.

— Você veio, — diz Lo, não surpreso que fui convidado.

Eu me concentro de volta nele. — Sim.

Ele molha o salgadinho na salsa. — Eles precisaram rastejar para trazer sua bunda até aqui?

— Um pouco.

— Que bom. — Lo joga outro salgadinho na boca. — Eu não posso ser o único que implora para você aparecer em festas de aniversário. Como diria o rei Connor, é *indecoroso*. — Ele inclina a cabeça. — Como está minha irmã?

Estou prestes a dizer a Lo que Willow está muito bem, pelo que sei. Ela nunca contou a ninguém sobre como eu dei um soco no amigo dela da faculdade, ou sobre o fato de eu ter ido visitá-la em Londres por duas horas.

Isso pode ficar entre nós? Eu perguntei a ela. Eu estava envergonhado. Ainda estou.

Ela concordou.

Mas antes que eu possa dizer algo a Loren, sua esposa interrompe. — Lo, — Lily diz suavemente, mas alto o suficiente para chamar sua atenção.

— Hmm? — Ele mexe na salsa com um salgadinho. A outra mão está plantada na perna de Lily. Ela ainda está nas costas dele.

O abraço deles faz com que eu quase exploda de vontade de segurar Willow. Meu coração aperta fisicamente e bato minha cabeça contra o armário. *Qual é, Garrison.*

— Você acha que o Connor pode ser Batman ou Superman?

Lo a solta instantaneamente.

Ela cai de bunda no chão. — Lo!

Meus lábios tremem, quase sorrindo. Deus, eu quero sorrir.

Há algumas coisas que você não menciona na frente de Loren Hale. Os personagens de quadrinhos da DC pode muito bem ser o número um na lista.

Ele acena com o salgadinho para a esposa. — Há *mil* malditos super-heróis, e você escolheu dois que eu não suporto?

— Eles são os que fazem mais sentido.

— Eles fazem tanto sentido quanto chamar Connor de o Monstro do Pântano.

Eu quase dou risada.

Lily se levanta do chão. — Isso é uma besteira. O Monstro do Pântano não está nem *perto* de ser Batman e Superman.

Willow adoraria essa conversa. Quadrinhos me fazem lembrar dela. Foi só por causa dela que comecei a lê-los, e ela ainda ama super-heróis mais do que eu. *Vou contar a ela sobre isso.* Vai ser uma coisa leve depois de muita merda pesada.

O olhar de Lo afia e se intensifica. — Por favor, me deixa saber onde posso encontrar minha outra esposa. Essa aqui na minha frente é uma cópia barata.

Lily toca seu coração e mágoa franze suas sobrancelhas. — Eu não sou uma cópia barata. Eu só não sou elitista sobre toda a coisa de Marvel contra DC, e posso apreciar *todos* os super-heróis igualmente.

— Você acha que todos são apreciados *igualmente*? — Lo pergunta apaixonadamente. — Você quer falar sobre o Lanterna

Verde? Podemos falar sobre o Lanterna Verde.

— Ok, ok, — Lily admite imediatamente. — Então, eu tenho meus favoritos, assim como você. — Ela se aproximou, os dedos nas presilhas do cinto dele, e olha para o marido como se toda a conversa fosse uma excitação gigantesca. Lo envolve o braço em volta da esposa.

Me inclino para a frente e pego alguns salgadinhos do saco. Tentando não desejar que Willow estivesse aqui.

Lo declara: — Meu melhor amigo *não* é o Batman ou o Super-Homem. — *Melhor amigo*. Esse seria o Connor. É estranho ouvi-lo dizer isso em voz alta. Não que eu não saiba desse fato. Mas porque Connor é meu chefe. Loren é irmão da Willow. Nossas conexões um com o outro são confusas pra caralho nesse momento.

— Então o que ele é? — Pergunta Lily.

— Connor Cobalt, — Lo responde sem nem pensar duas vezes. — Ele é o fodido Connor Cobalt, e quaisquer poderes que ele tenha, são todos dele.

Eu estreito meus olhos, assistindo a troca deles. Connor não se envolve com pessoas que só puxam o saco dele, caso contrário Ryke Meadows não estaria aqui. Mas pura admiração vem de Lo.

Para mim, lembro de ser uma criança de dezessete anos que vandalizou uma casa. Lembro do cara que me ajudou quando eu precisei, mas não merecia sua ajuda.

Eu não sei - para mim, Loren Hale é quem tem superpoderes.

O olhar de Lily desvia para um tablóide do *Celebrity Crush* no balcão atrás de Lo, e seu sorriso desaparece. — O que é... — Ela pega a revista.

Eu levanto minha cabeça, tentando ler a manchete.

[ENQUETE] Qual irmã Calloway tem o bebê mais fofo?

Isso é fodido.

E a enquete não vai cair bem com Ryke, Daisy, Connor ou Rose também.

Eles são todos insanamente protetores com seus filhos. Como deveriam ser. Os pais devem proteger *todos* os seus filhos. Não só

aqueles que eles mais gostam.

Merda, se eu tivesse um bebê agora, ficaria destruído toda vez que o nome dele fosse impresso em revista ou jornais. *Eu* mal consigo lidar com a atenção da mídia. Como eu poderia esperar que meu filho lidasse com isso?

E por que diabos eu estou pensando em um bebê?

Eu tenho vinte e um anos.

Willow e eu estamos no lugar mais instável em que já tivemos. Podemos nem estar juntos *amanhã*. Os bebês são uma parte não quantificável do meu relacionamento. Quanto mais penso no futuro nebuloso, meu estômago dá um nó.

Dor de repente explode nas minhas costelas quando me concentro mais na lesão.

Então eu viro minha atenção.

Lo arranca o tablóide das mãos de Lily.

— Eles ranquearam nossos bebês por fofura, — explica Lily. — Eles não podem fazer isso.

As sobranceiras de Lo se franzem. — Eles podem fazer o que quiserem.

— Eu só queria que houvesse *algumas* limitações éticas, — diz Lily enquanto Lo vira para a página certa. Lily tenta detê-lo, apertando as mãos dele. — Não faça isso! E se Moffy for classificado como o mais feio? — Ela abaixa a voz. — Saberemos e nos sentiremos mal, e isso lhe dará um complexo.

Eu olho em volta, procurando Maximoff. O menino de três anos está brincando de adoleta com Jane no tapete.

— Isso não vai acontecer, — diz Lo. — Temos um bebê *adorável*.

— A Rose e Daisy também têm.

— Você não precisa olhar, — Lo diz a Lily.

Mas tenho certeza que ele não vai se conter. Eu mastigo outro salgadinho e vejo isso se desenrolar.

Eu nem sei o que eu faria na posição deles. Talvez queimaria tudo. Iria parar a tentação.

Enquanto Lo lê o artigo, Lily desliza em minha direção e conversamos sobre filmes. Eu acho que está ajudando a distraí-la do tablóide, mas eu não vi muitos dos filmes que ela está

mencionando. Desde que Willow foi embora, não tenho energia para ir ao cinema.

Depois de alguns minutos, Lo termina de ler o artigo e volta para nós com salgadinhos e salsa na mão. — Pequena lufana, — ele chama Lily.

Lufana é uma referência à Lufa-Lufa, sua casa de *Harry Potter*. Willow me obrigou a fazer o quiz do chapéu seletor também, e eu sou da Grifinória, igual minha namorada.

Eu quase sorrio lembrando de como Willow passou uma hora explicando *nossa* casa para mim e a história por trás dela. Ela disse que os grifinórios são corajosos, e eu entendo por que ela foi feita para essa casa - ela é a pessoa mais corajosa que eu já conheci. Mas não tenho certeza se me encaixo no molde. Realmente, de qualquer casa ou clube secreto ou outra coisa.

Lo fica atrás de Lily e descansa o queixo no ombro dela. Seus olhos voam para mim e depois para ela. — Sobre o que estamos conversando?

— Nada, — diz Lily rápido demais e vira para encarar o marido.

Lo enfia o saco de salgadinhos debaixo do braço. — Nada?

— Foi o que eu disse, — ela retruca.

— Cristo, quando você ficou tão atrevida?

Lily franze o nariz, tentando fazer uma cara de “durona”. Mas ela falha. Lo enfia o salgadinho entre os dentes, liberando a mão e aperta o nariz dela.

Lily dá um soco de brincadeira no braço dele.

Lo finge uma careta e murmura: — Ai, amor. — Ele inclina a cabeça para trás e o salgadinho cai em sua boca.

O amor deles é algo que consome tudo quando você está no mesmo cômodo com eles, e meu amor que tudo consome está a milhares de quilômetros de distância.

5.699 para ser exato.

Por que estou aqui mesmo?

Para vê-los flertar. Não estou segurando vela, estou segurando a porra de um candelabro de seis braços.

Então eu falo: — Estávamos conversando sobre *Liga da Justiça 2*. — O filme não será lançado tão cedo - a data de lançamento agora no ar (sobre o qual Lily e eu estávamos discutindo) - mas a

menção à propriedade da DC é o suficiente para receber uma careta e olhar mortal de Nível A de Loren.

Vê-lo deixar sua própria esposa cair no chão só por mencionar a DC provavelmente deveria ter me feito hesitar. Mas talvez eu tenha uma sentença de morte.

Me mate.

Seria mais fácil estar morto.

Lo lança um meio sorriso. — Por que você não fala sobre isso na rua, vira à direita, se aproxima de uma caixa de correio que diz *Abbey*, anda pela calçada, bate na porta e... tchau. — Ele acena bruscamente.

Bile sobe à minha garganta. Se ele soubesse o que significa caminhar até a casa da minha família...

Mas talvez seja onde eu mereça estar. A pressão fica pesada no meu peito e eu passo um cigarro apagado entre os dedos. Ryke provavelmente cagaria um tijolo se eu fumasse aqui, mas eu poderia sair.

Isso é o que Lo quer de qualquer maneira.

Raiva e algo pior martelam contra minhas costelas. — Você quer que eu vá para casa? — Eu digo com tudo e depois cerro os dentes.

Casa..

Deixa eu ir para casa e quebrar outra costela.

Deixa eu ir para casa e dar à minha mãe a chance de me salvar. Apenas para ela me empurrar em um ninho de cobras novamente.

Lo segura meu olhar. — Eu quero que você não fale sobre o-que-não-deve-ser-nomeado dentro da casa do meu irmão, e se você não pode lidar com isso, então sim, você pode ir para casa.

— Lo! — Lily repreende em choque, queixo caído.

Loren levanta o queixo dela, fechando sua boca. Ele quase sorri. — Lily. — Ele faz um beicinho.

Ela cutuca o peito dele. — Você não está sendo legal.

— Porque eu não sou legal.

Eu solto uma respiração tensa. Ele está apenas sendo um idiota normal e furioso. Eu tenho que lembrar que Lo não sabe nada sobre minha casa. Eu não acho que ele cutucaria essa parte da minha vida se tivesse alguma idéia sobre o que acontece lá.

Lily desliza a mão para as bochechas de Lo e ela está o olhando com intensos olhos que dizem *me fode*, então eu foco em outro lugar. No teto. No chão. No meu celular.

Sem novas mensagens.

Willow provavelmente está dormindo.

Eu vacilo entre ficar aqui e pular do balcão e sair. Mas mesmo com Lo praticamente pintando flechas em néon na direção da minha casa, eu gosto daqui. Minha outra opção é ficar sozinho no meu apartamento.

Ficar sozinho parece horrível.

Eu nunca gostei da minha própria companhia. É um dos motivos pelo qual eu passei meus anos na escola preparatória com amigos *terríveis*, porque me cercar de pessoas (mesmo as de merda) era melhor do que ficar com o meu próprio eu.

Instantaneamente, eu decido ficar. Vou tomar uma bebida - refrigerante porque Ryke não tem álcool em sua casa - e talvez comer um pouco de bolo e depois sair.

Os armários estão atrás da minha cabeça e eu estico a mão para pegar um copo.

— Garrison, — Lo diz com bastante preocupação que eu me viro rapidamente.

Minha cabeça bate no armário. — Merda, — amaldiçoo e esfrego o ponto latejante. Lo olha para mim com uma quantidade estranha de preocupação. Eu não entendo. — O que?

Ele pergunta suavemente: — De onde vieram esses hematomas?

Ah... Merda.

Merda.

Porra.

Minha boca cai e balanço minha cabeça. Eu não... como ele...

Deus, minha blusa e camisa devem ter se levantado quando fui pegar o copo no armário. *Porrapporrapporra..*

PORRA!

Eu fico tonto, minha cabeça girando, sabendo que não há como eu me esconder disso. Não me preparei para ninguém além de Willow saber sobre minha vida em casa.

Olho para Lily, a única outra pessoa na cozinha. Eu tenho zero irmãs, e há algo suave e gentil em Lily. Isso faz com que eu queira simultaneamente me abrir mas também me afastar, e não sei como lidar com as coisas se dizer a verdade a ela.

Lo é diferente.

Eu acho que me pareço com ele. É mais fácil ficar cara a cara com alguém que quer me destruir do que com alguém que quer me abraçar. Eu não quero um abraço.

Sua pergunta faz meu cérebro explodir. Pulsando e pulsando. *De onde vieram esses hematomas?* Olho para Lo novamente e dou minha desculpa de sempre. — Lacrosse. Deixa isso pra lá.

Lily de repente acena a cabeça para a sala de estar. — Ah, olha... O Moffy. — Ela rapidamente se vira para sair. Lo aperta seu ombro e eles conversam baixinho antes que ela desapareça.

É óbvio que ela saiu de propósito. Por minha causa. Talvez eles possam dizer que estou mentindo.

Fico sentado no balcão, com as pernas penduradas, e Lo desliza para mais perto. Seu olhar afiado me perfura.

— Sério, é do lacrosse, — eu digo.

— Estamos nas férias de Natal, — Lo refuta, com um tom serrilhado. — Quando você estava jogando lacrosse? — *Nunca. Não desde a escola preparatória.*

O ar é difícil de respirar. A emoção que eu odeio enfrentar está comprimindo meus pulmões. — Eu não sei... eu simplesmente estava... eu estava. — Mentiras morrem na minha garganta. Minha boca está seca.

Acabo olhando para um pedaço de luz solar no chão. Meu cabelo paira sobre meus olhos e lembro que ainda estou com os fones de ouvido ao redor do pescoço. Eu toco os lados, a familiaridade de repente me acalmando. — Me deixa.

Estou a segundos de puxar os fones sobre os ouvidos como um verdadeiro babaca. Qualquer coisa para evitar essa conversa.

De repente, Lo me entrega a salsa e enfia a mão no saco de salgadinhos, me passando um.

Eu olho fixamente para ele. — O que é isso?

Eu não entendo. Que porra ele está fazendo? A pressão no meu peito se intensificou. Me sufocando.

— Salgadinhos e molho, — diz Lo. — Se você não gosta deles, não podemos mais ser amigos. — Ele coloca um na boca.

— Nós somos amigos? — Eu pergunto, incrédulo. Uma parte de mim ainda acha que o convite para vir aqui foi por pena, e porque eu sou apenas o namorado da Willow.

— Jesus Cristo, preciso fazer pulseiras de amizade para que você acredite?

— Vai se foder, — eu retruco. Hesitante, mergulho o salgadinho na salsa.

— Não fique irritadinho porque sou mais bonito. É apenas um fato que você terá que se acostumar.

Engulo o salgadinho e o caroço que está na minha garganta. — Eu pensei que o mais alto deveria ser o mais bonito. — Se Connor soubesse que eu o chamei de *o mais alto*, não acho que ele não gostaria. É muito genérico para o poderoso deus. É por isso que eu gosto de fazer isso.

Lo começa a sorrir. — Shh, não gostamos de dizer a verdade a ele. Isso arruina seu fascínio.

Eu aceno, meus ombros afundando para frente. Para dentro de mim. *Desaparecer*.

Lo fala comigo de uma maneira causal. — Então, como são seus irmãos? Você tem três, certo?

Pergunta bem simples.

— Sim, — eu respondo. — Mitchell, Hunter e Davis. Temos todos dois anos de diferença um do outro.

Eu: vinte e um anos.

Eles: vinte e três, vinte e cinco e vinte e sete.

Uma pausa longa e tensa penetra o ar, e eu encaro a pequena cicatriz na parte interna do meu dedo indicador. Quando eu tinha nove anos, Hunter me fez procurar no lixo por uma revista da *Sports Illustrated* que joguei fora. Ele estava irritado porque nunca teve a chance de ler.

Eu cortei meu dedo em uma lata de atum.

— Qual é o pior? — Lo pergunta.

Isso me corta profundamente.

Qual é o pior. Sua voz é rígida e aguda, soando protetora antes mesmo que ele saiba o verdadeiro problema. Mas ele deve sentir

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Wherever You Are"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).